

KANT, GOETHE E ALEXANDER HUMBOLDT: ESTÉTICA E PAISAGEM NA GÊNESE DA GEOGRAFIA FÍSICA MODERNA

Kant, Goethe and Alexander Humboldt: esthetics and landscape in the genesis of modern Physical Geography

Antonio Carlos Vitteⁱ
Roberison Wittgenstein Dias da Silveiraⁱⁱ
Universidade Estadual de Campinas

Resumo

Este trabalho procura apontar a confluência das idéias kantianas, goetheanas e humboldtianas de estética e paisagem na fundamentação da Geografia Física Moderna. Em Kant trabalharemos com a construção de uma estética transcendental, pilar constituinte do projeto romântico da ciência humboldtiana e elemento primordial de uma nova noção de "forma", além da perspectiva de uma natureza atuando segundo a fins; passando por Goethe, veremos como a paisagem assume um importante papel na nova explicação do mundo natural, antevendo na forma a síntese entre todo e parte e a face objetiva do protótipo e do profenômeno; em Alexander Humboldt chegaremos ao nascimento de uma nova ciência, estruturada na concepção estética de uma forma representada por uma manifestação científico-artística, além da apresentação de uma interdependência entre a esfera subjetiva e objetiva, permitindo o surgimento de uma paisagem não estritamente natural, mas geográfica. Todo este revolver epistemológico será tomado em nosso tempo, num universo de cânones envelhecidos e novas necessidades.

Palavras-chave: estética; paisagem; protótipo; profenômeno; teleologia da natureza; Geografia Física.

Abstract

This paper tries to point out the confluence of Kantian ideas, and goetheanas humboldtiana aesthetic and landscape in the grounds of Modern Physical Geography. In Kant's work with the construction of an aesthetic transcendental pillar constituent of the romantic project of science and humboldtian key element of a new concept of "form", besides the prospect of a nature acting according to purposes; through Goethe, see how the landscape plays an important role in the new explanation of the natural world, anticipating the kind of synthesis between whole and part and meet the objective of the prototype and proto-phenomenon; Alexander Humboldt arrive at the birth of a new science, based on the conception of an aesthetic form represented by a scientific and artistic expression, beyond the presentation of an interdependence between the subjective and objective ball, allowing the emergence of a landscape not strictly natural, but geographical. All this epistemological revolver will be taken in our time, out of canons aged and new needs.

Keywords: aesthetics; landscape; prototype; Proto-phenomenon; teleology of nature; Physical Geography.

INTRODUÇÃO

Olhamos para os princípios de nossa ciência; um remoto tempo capaz de trazer à luz do dia importantes contribuições; um transformar de idéias e conceitos que garante a inconsistência do chão agora pisado, que traz em seu bojo o germe de tudo o que hoje experimentamos como necessidade e rotina em nossas acadêmicas vidas. Num compêndio de legados e informações, buscamos com habilidade questionável uma linearidade processual, uma ligação temporal capaz de conjugar o diverso numa bela e clara história.

Mas tão certo quanto a artificialidade do esforço regulador ante uma multiplicidade de influências e contribuições é a limitada condição de que dispomos para com toda esta dinâmica lidar. Neste sentido, pretendemos mostrar não uma seqüência de fatos ligados numa narrativa histórica, mas uma reflexão, um olhar para a gênese filosófica de nossa ciência sob a categoria de paisagem.

Diferentes legados e contribuições construíram esta noção e fundamentaram a implementação da paisagem como categoria de análise geográfica. Pontuar algumas destas

influências é o que pretende este trabalho, confinando em universos ainda restritos o que tão longamente se construiu. Começando por Kant, procuramos demonstrar o papel de sua fundamentação estética, a capacidade de intuir na forma algo mais do que o disposto pela atividade racional ou pelos apetites humanos. Além disso, buscamos evidenciar o papel fundamental de uma teleologia da natureza na realização de uma ciência geográfica moderna e de uma nova forma de enxergar a realidade (“Nathurphilosophae”). Nas obras de Goethe, enxergamos o mais importante legado do projeto humboldtiano de ciência, seja na consideração da forma como síntese entre todo e partes, seja na busca de um protótipo ou de um profenômeno na base de toda a manifestação natural. Em Alexander Humboldt apresentaremos a gênese da Geografia Física Moderna e, com ela, a concepção de paisagem geográfica.

ESTÉTICA E TELEOLOGIA DA NATUREZA EM KANT: AS PREMISSAS DE UMA NOVA CONTEMPLAÇÃO DAS FORMAS

Immanuel Kant nos apresenta a Crítica da Faculdade do Juízo em 1791 (KANT, 1995), e, com ela, um conjunto de transformações no entendimento da estética da natureza e do próprio conjunto de sua filosofia. O primeiro elemento aqui analisado, o juízo de gosto como representação de uma estética universal, é fundamental na estruturação de uma forma inaugural de lidar com a natureza e com suas representações. Nesse caminho, devemos partir das diferenças entre o agradável, o bom e o belo. O primeiro constitui-se como objeto de interesse do sujeito, ou seja, é agradável e está ligado, as sensações, ao prazer desempenhado

por uma situação ou objeto. O agradável está, pois, no objeto e nas sensações que se remetem a sua percepção, bem entendido, diz respeito a um interesse do sujeito, dado por seu estado ou condição, na contemplação de um objeto sobre o qual se deleita por objetivos ou impressões particulares. Quanto ao que é bom, temos novamente a manifestação de um interesse, nesse caso ligado ou ao que é útil ou ao incondicionado da ação, ao elemento transcendente da razão que empreende a noção de dever moral no homem. No bom como aquilo que é útil se revela o objeto como meio, como caminho para a realização de um fim colocado em alguma circunstância ou condição; no bom em si, não se antevê a efetivação de um meio, mas um fim incondicionado e por isso chamado dever. Este último se relaciona com a moral e seus imperativos categóricos, se referindo muito mais ao sujeito do que propriamente ao que aparece como sua representação.

O juízo de gosto, contudo, deve ser simplesmente contemplativo, não podendo comportar nenhum interesse ou finalidade; assim entendido, o juízo de gosto é estético, ou seja, a sua determinação deve residir numa intuição desinteressada do sujeito perante o objeto. Este seria o caso da determinação do belo, que é, antes de mais nada universal e particular: universal porque se estende a todos os sujeitos pela existência a priori das estruturas do entendimento (dadas pela faculdade do entendimento) e particular porque, distante de interesses a priori ou socialmente condicionados, se realiza na intuição espontânea do sujeito diante do objeto, uma apreciação estética.

Quando Kant trabalha com a percepção estética na designação do belo, ele está de fato

situando a estética em uma outra esfera, que está para além do simplesmente apreendido, ou seja, ele está relevando o papel da intuição no conhecimento. Este é o ponto de maior interesse no que pretendemos aqui apresentar, afinal, a fundação da paisagem como categoria analítica no nascimento da Geografia Física Moderna tomará como elemento primordial esta perspectiva intuitiva de contemplação das formas.

Ainda em sua *Crítica da Faculdade do Juízo* (KANT, 1995) Kant estabelece uma noção importante para o pensamento geográfico nascente e, conseqüentemente, para a fundação da paisagem como uma das categorias de análise da Geografia. Estamos falando do princípio teleológico da natureza, a representação de uma finalidade natural expressa em seus processos e manifestações. Olhando e analisando a natureza, percebemos nela uma causalidade que difere da causalidade mecânica, linear; contudo, não podemos penetrar na verdadeira forma de causalidade implícita na manifestação natural dos objetos, haja vista a nossa incapacidade de conhecer a natureza em si. Diante de tal paradoxo, podemos chamar à luz a faculdade de juízo reflexiva, capaz de inferir um princípio que satisfatoriamente explique o conjunto de representações empíricas em sua dinâmica. Este juízo reflexivo permite que, a partir dos dados objetivos do mundo dos fenômenos, infiramos uma determinada lei. Não significa em hipótese alguma que esta seja uma verdade em si, mas estabelece-se que, dentro dos limites objetivos de nosso entendimento, é possível uma reflexão que leve em conta esta forma de julgamento.

Dessa forma, chegamos ao princípio geral de que a natureza atua segundo fins, ou

seja, sua causalidade não é simplesmente mecânica, mas conjuga uma orientação geral objetiva com as propriedades individuais dos elementos que a constituem. A questão é que somente admitimos esta causalidade a fins, enfim, uma teleologia da natureza, porque representamos nela uma máxima de nossa razão, justamente a que coloca uma finalidade em nossas ações. É dessa maneira que, por analogia, a conformidade a fins da natureza é semelhante à existente no homem, e, ainda por isso, relativa também aos desígnios morais de nossa prática.

Toda esta reflexão sobre a teleologia da natureza é importante porque é a partir desta noção que se abrem as portas para o desenvolvimento do pensamento romântico alemão do século XIX e porque, a partir dela, se estabelece uma comunicabilidade entre as formas apresentadas à intuição e a organização de uma natureza reordenando suas estruturas em função de uma finalidade intrínseca. A paisagem ganha sentido analítico na medida em que é reveladora de uma ordenação da natureza em busca de seu fim, elemento de suma importância para obra humboldtiana e para a constituição de uma ciência geográfica moderna.

GOETHE: A FORMA COMO SÍNTESE

Em “A metamorfose das Plantas” (GOETHE, 1997) a descrição da natureza assume uma forma diferente daquelas conduzidas no âmbito da ciência racionalista. A princípio, Goethe também busca uma representação geral para o conjunto de formas observadas e descritas, todavia, não se reduz esta representação a uma lei inferida a partir de um mundo inerte, disposto em uma causalidade mecânica. Primeiramente, ele

reconhecerá a limitação analítica de uma linguagem estritamente científica, na medida em que ela consegue apenas reproduzir uma seqüência de causas e efeitos numa perspectiva de simultaneidade das transformações. Compreendendo o mundo como coisa viva, dinâmica, Goethe não enxerga uma homogeneidade linear, oferecendo à análise científica uma linguagem própria do artista, do poeta; é ela que permitirá ultrapassar o limite e a restrição da simples ligação causal. Ultrapassando estes limites, se verá na forma a unificação de uma realidade complexa e fluída: a forma representaria a síntese. Enquanto se manifesta nela a unificação das alterações dinâmicas, se oculta, ao mesmo tempo em que se apresenta à intuição, a dimensão global dos fenômenos. É este o papel da descrição aliada à linguagem poética: intuir numa representação estética a unidade da realidade.

10

Aqui se fundamenta uma idéia importante, a de que podemos usar o elemento artístico como forma de ampliação do conhecimento num universo científico de análise. É neste rumo que se estende o papel da arte, na admissão de uma transcendência da forma em direção ao “protótipo”, ao arquétipo ideal que se esconde ao olhar fragmentador da análise científica racionalista. Olhar para as diferentes formas é, para Goethe, buscar a estrutura originária de todas as formas naturais. Não significa dizer que se encontra no mundo um objeto desta ordem, mas sim que se identifica no conjunto das variações uma unidade que remete o observador à raiz de todo elemento da natureza, enfim, que remete ao protótipo das espécies.

Há em Goethe um confluir, que se maximizará em Humboldt, entre a análise científica e as diferentes formas de

manifestação artística, especialmente a pintura e a poesia. A ciência seria responsável pelo dimensionamento concreto das propriedades, suas estruturas, localizações e dimensões, já a artística manifestação seria responsável pela síntese integradora, o reagrupar do desconexo elo causal de uma leitura mecânica da realidade, enfim, seria tanto o efetivo caminho para a penetração dos modelos ideais escamoteados como a possibilidade real de intelecção do movimento geral da natureza atuando segundo fins. Goethe não pretendia instituir uma ciência de leis universalmente válidas, como já se dispunham seus contemporâneos. Na verdade, ele desenvolveu um método que tinha por fundamento uma morfologia comparada. Através da comparação dos elementos, de suas estruturas percebidas por um olhar científico-artístico, almejava-se o esclarecimento das ligações, das relações estabelecidas entre os diferentes componentes percebidos e a totalidade de que era representação da paisagem.

Nota-se, neste momento, a clara conexão goetheana entre o homem e o mundo. O homem não pode ser entendido sem o mundo e nem o mundo sem o homem, afinal, subjetividade e objetividade cumprem um movimento de interação e mútua realização. Quando lançamos nosso olhar para as coisas dispostas na natureza, não com um olhar tacanho e reducionista de quem se imagina desconectado das coisas vislumbradas, mas com uma visão maior que só a arte é capaz de dar, nos reencontramos nas coisas, nos tornamos elementos indissociáveis de um mundo que também não pode sem nós realizar a plena consumação de seus fins. É assim que a idéia de profenômeno como dimensão subjetiva de uma causa intrínseca à natureza

tomará forma. A raiz de todo fenômeno encontra-se na esfera subjetiva do protofenômeno, conseqüentemente, impelir uma busca do geral na pura e simples exposição do fragmentário, do fenômeno isolado, objetivo, é deixar-se guiar unicamente pela observação analítica, incorrendo num erro que nega a própria origem do observado, bem seja, o fenômeno primário por trás de tudo que se nos apresenta.

A paisagem surge em Goethe como elemento integrador de uma dinâmica maior do que a percebida pelos restritos métodos da ciência imperante, portanto, será o ponto primordial de reagrupamento das partes, das formas tomadas por uma intuição reveladora do todo.

A CONFLUÊNCIA DOS LEGADOS KANT-G O E T H E N A P A I S A G E M HUMBOLDTIANA

Vemos em Alexander Humboldt a realização de uma leitura geográfica da realidade, um incorporar de influências e reflexões que encontram na paisagem um caminho analítico. Parte ele daquilo que é primordial em Kant, a visão de uma natureza atuando segundo fins. Reconhecendo na natureza uma causalidade distinta daquela que ordinariamente se manifesta numa ligação causal dos objetos, procurará ele construir uma ciência que abarque a complexidade; que, no agrupamento de informações e representações, seja capaz de trazer ao alcance do humano olho uma interação estabelecida entre o todo e suas partes. Diante deste propósito, se empenhará no acúmulo de recursos para o entendimento da realidade; sua ciência se materializará no afã descritivo das formas naturais, sem, contudo, se limitar

ao puro e simples da descrever. É assim que a aparente destinação descritiva dos Quadros da Natureza (1950) se transforma em mais do que um simples empenho de catalogação das espécies do planeta. No olhar para os elementos da natureza, Humboldt vai buscar o que Goethe afirma em seus desígnios, ou seja, o princípio primeiro e unificador de toda a vida, a gênese estrutural que permite uma unidade em tudo o que se apresenta como variado e multiforme.

Ainda no que se refere às formas, a imagem artística da natureza teria uma importante vantagem sobre a própria manifestação real da natureza, afinal, suplantaria o problema do movimento, da constante fuga do objeto no momento da análise. Logo, a paisagem surge para a Geografia Física humboldtiana como a possibilidade de encerrar na representação estática da forma uma compreensão da natureza em sua condição fugidia e dinâmica. Este será um importante fundamento da constituição da paisagem, a sua visão como cena, como momento de uma natureza em movimento. Contudo, esta representação não poderia ser estritamente uma descrição analítica, haja vista a função da intuição, da estética na apreciação do sentido da natureza pelas formas. A importância dada por Goethe ao artístico olhar assume em Humboldt a mesma fundamentação analítica, se ligando igualmente a busca de uma síntese, de um fim da natureza e de um protótipo das formas naturais.

A paisagem em Humboldt não seria propriamente a forma intuída na percepção estética, ela seria a composição destas diferentes formas, a reunião harmoniosa na montagem de um “quadro” natural. Portanto,

além da busca de um protótipo e de uma causa final da natureza, a reunião de uma artística e científica contemplação das formas representaria os elementos para a montagem da obra, da cena tomada como paisagem. Seu apelo à linguagem poética também não é mais do que o desafio de entrever na forma uma plenitude que escapa ao distanciamento analítico de uma ciência objetiva, assim como em Goethe. Seus “Quadros da Natureza” poderiam ser equiparadas a uma pintura lingüística da paisagem na busca do protótipo goetheano.

A valorização da vegetação no conjunto dos elementos naturais está também ligada a obra de Goethe. A vegetação surge como o elemento integrador entre todas as variáveis climáticas e morfológicas, enfim, como fonte de toda interpretação e entendimento da realidade. É por esse motivo que as representações se referem primordialmente a ela, seja pela descrição poética, seja pela pintura das espécies observadas. Outra vez a paisagem ganha força, a vegetação, elemento primeiro do quadro natural, se manifesta como a mais completa fonte de conhecimento sobre a Terra.

O *Cosmos* (1997), sua obra mais importante, é a consagração do seu projeto. Nela Humboldt ratificará os sentidos de sua ciência: não só um empreendimento guiado ao conhecimento objetivo do mundo, mas um desafio na busca de uma causa subjacente aos fenômenos; uma causa que se apresentará na leitura artística e científica da forma, por ser ela sintetizadora do jogo dinâmico de correspondência entre tudo o que compõem a natureza e a parte que se configura. Por fim, o desafio perseguido no *Cosmos* é o de reunir tudo o que for preciso para se chegar aos

princípios da realidade: o protótipo e o protofenômeno.

Humboldt se preocupa ainda com uma integração entre a vida do homem e o mundo natural. A exemplo de Goethe, enxergará uma comunhão entre o subjetivo e o objetivo, só que, nesse caso, voltada a uma análise integradora entre a história humana e a história natural. A manifestação regional das diferentes paisagens diz respeito também ao papel desempenhado pelo homem, se associa, neste momento, a atividade humana com a consagração das finalidades e formas naturais, não por uma simples contemplação, mas pela direta e efetiva transformação. Também neste sentido se admite o caminho inverso, a capacidade de diferentes condições naturais atuarem na formação de um povo ou de sua cultura. A paisagem deixa de ser uma representação dos quadros naturais para se configurar como uma paisagem geográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por uma dinâmica que assume formas diferenciadas no espaço e no tempo, pretendemos apontar o caminho percorrido entre a visão de uma estética ligada à forma com a fundamentação de uma paisagem como categoria de análise geográfica. Baseada na primeira concepção de que a estética se relaciona com a apreciação desinteressada das formas, podemos ver o caminho percorrido na aproximação entre a arte e representação da natureza. Tomando como marco fundador uma natureza atuado segundo fins, a “naturphilosophie”, expressa aqui pela obra goetheana, influenciará de maneira clara e objetiva a construção de uma Geografia Física Moderna, a partir das noções de protofenômeno e de protótipo. Com isto, em

Alexander von Humboldt legitimou-se a confluência entre o mecanicismo newtoniano retrabalhado por Immanuel Kant e uma leitura científico-artística das formas-sínteses da natureza, definidas por Goethe.

Mais do que o anunciado da forma, a paisagem passou a figurar como a reunião dos elementos constituintes da cena, logo, como base de um afã humboldtiano na descrição e representação das estruturas naturais, onde a “forma” era o elemento integrador. Essa estética da natureza, naquele momento revelava-se na vegetação, que aparecia como o elemento primeiro da paisagem natural, definida pela filosofia do olhar. Não se limitando, contudo, ao universo de representações naturais, a paisagem, trazendo para o estudo da Terra o elemento humano, se transformou em paisagem geográfica.

Mas a quem importa esta discussão? Qual a validade desta empreitada analítica, desta busca por uma gênese ou origem das categorias geográficas? A resposta está em nossa limitação, em nosso embrutecimento diante das bases epistemológicas do saber geográfico. Das verdades erigidas por aqueles que fundamentaram o chão pisado, não se pode duvidar, como se herege fosse toda a iniciativa de questionamento ou as propostas de redefinição das bases de um saber construído e controverso. Em contrapartida, nos dizemos libertos, homens de um tempo em que máximas não podem figurar como absolutas, em que tudo quanto parece imutável se remete ao velho processo feudal de organização do pensamento.

Há um relativo esvaziamento epistemológico, guiado por ainda, um colonialismo e uma ditadura dos manuais escolares. A um conformismo, guiado pela

ideologia de um mundo que deve obedecer às seqüências materiais de transformações relativas; onde não há lugar para a estética na reflexão geográfica.

Mais do que nunca, frente ao terror do capitalismo contemporâneo e ao esvaziamento crítico, a Ciência Geografia é chamada à repensar o humanismo, donde emerge o papel do espaço geográfico na construção do cosmopolitismo. Se antigamente o iluminismo menosprezou o espaço em prol da ditadura do tempo, agora, o espaço emerge como veículo rizomático a partir de uma discussão sobre a estética na geografia e com isso ativar a imaginação geográfica e o diálogo entre os saberes e os campos disciplinares. O momento é de lançarmos nossos olhos para a base das ciências, para o germe filosófico de sua constituição e, repensar nossos propósitos, o porquê de nossas atividades e os sentidos que agora nos tomam. Sem se preocupar com isso, reproduziremos inadvertidamente uma forma fracassada de lidar com a realidade.

NOTAS

ⁱ Professor do departamento e do programa de pós-graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); doutor em Geografia Física pela Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: vitte@uol.com.br

ⁱⁱ Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

E-mail: r_silveira@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOETHE, J. W. von. *A metamorfose das plantas*. São Paulo: Antropofásica, 1997

HUMBOLDT, Alexander Von. *Cosmos: a sketch of the physical description of the universe*. Baltimore: Johns Hopkins Paoerbacks edition, 1997.

_____. *Quadros da natureza*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1950.

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade de julgar*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995
